

Jovens e Vida Familiar

Sofia Aboim

<http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/setembro-2011>

A entrada na vida adulta é caracterizada por um número de transições-chave, entre as quais a saída da casa dos pais e a constituição de uma vida familiar autónoma constituem momentos fundamentais e muitas vezes desafiadores para os jovens. Ter uma casa e viver independente, entrar na vida a dois, ter filhos continuam a ser marcadores associados ao estatuto de “ser adulto e autónomo”, muito embora nem todos os jovens vivam estas transições da mesma forma ou passem sequer por elas. A construção de uma vida independente, sendo ainda aí central a formação de uma família, é muitas vezes protelada para depois dos vinte ou mesmo dos trinta anos, revelando o adiamento progressivo da independência residencial e das transições a ela associadas.

Com quem e como vivem os jovens?

Apesar de estas tendências, visíveis no prolongamento da fase juvenil da vida, serem centrais nas sociedades contemporâneas, o cenário europeu é, ainda assim, muito diversificado. Como se constata através do quadro seguinte, os jovens organizam e vivem a sua vida familiar de formas muito diferentes, notando-se, ainda hoje, o contraste marcado entre os países da Europa do norte e os países da Europa do sul. Enquanto nos primeiros, os homens e as mulheres saem de casa dos pais muito cedo (pouco depois dos 20 anos) e tendem frequentemente a viver sozinhos, nos segundos, a estadia em casa dos pais tende a prolongar-se até quase aos 30 anos, sendo também muito pequena a proporção daqueles que vivem a sós entre os 18 e os 28 anos. As diferenças nas idades com que se entra na vida conjugal ou se tem um filho não são, porém, tão evidentes.

Contudo, em traços gerais, a forma como se vive a década dos vinte anos é muitíssimo diferente, revelando sobretudo a oposição entre a autonomia precoce dos jovens norte-europeus e o prolongamento da dependência residencial entre os jovens portugueses e de outros países sul-europeus, tendência igualmente visível em vários países do leste da Europa. A comparação europeia revela assim, claramente, dois modelos contrastantes de autonomização juvenil.

Além disso, no caso português, a quase justaposição entre a idade com que se sai de casa dos pais e a idade em que se inicia a vida em casal aponta para um modelo de independência residencial ainda associado à conjugalidade e formação de uma família. Evidentemente, a falta de apoios públicos no acesso à autonomia residencial, o menor desenvolvimento e riqueza económica do país e a precariedade laboral persistente entre os jovens constituem o pano de fundo desta realidade, explicando a maior dependência da população mais nova face aos pais. A par da eventual influência de um maior familialismo que ainda persiste em termos normativos, a falta de recursos financeiros aparece como principal constrangimento para a não permanência na casa dos pais. Afinal, segundo dados de 2007 (Eurostat), cerca de dois terços dos jovens portugueses apontava a falta de recursos financeiros próprios como principal motivo para a não saída da casa paterna.

Idade das transições juvenis e percentagem de jovens a viver sozinhos, 2007

	Idade média em que os jovens começam a viver:						% de jovens entre 18-28 anos a viverem sozinhos	
	Fora da casa dos pais		Com um parceiro conjugal		Com um filho		Homens	Mulheres
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres		
Suécia	20,9	20,3	27,3	23,9	31,8	29,1	33,1	23,4
Dinamarca	20,6	19,8	26,5	24,1	34,4	29,9	37,2	31,5
Finlândia	21,4	19,8	24,8	21,9	34,3	30,1	23,1	21,9
Holanda	24,1	24,1	28,0	25,4	33,1	30,8	16,5	19,5
Reino Unido	24,0	22,0	27,1	24,5	34,6	29,6	6,5	4,6
França	23,5	22,1	26,8	24,6	32,0	28,4	17,0	14,9
Alemanha	25,0	22,3	27,5	25,5	34,2	30,9	9,4	17,0
Áustria	26,1	23,7	29,7	26,3	33,6	29,1	12,3	10,0
Bélgica	24,4	23,3	27,3	25,1	34,2	29,1	12,1	7,4
Luxemburgo	26,2	24,2	28,8	26,1	32,8	29,0	7,8	6,7
Irlanda	26,5	24,1	29,8	28,4	32,9	28,0	3,0	2,4
Itália	30,1	28,0	33,1	29,4	36,5	32,0	3,9	4,2
Espanha	28,5	27,0	31,1	27,9	35,5	32,0	3,5	1,6
Portugal	29,1	27,4	29,9	27,9	32,0	29,1	1,5	2,5
Grécia	31,8	27,4	33,6	28,7	35,6	30,5	8,4	9,0
Chipre	28,3	25,3	29,1	25,8	31,4	27,7	2,9	2,9
República Checa	27,7	25,1	28,9	25,9	31,8	27,9	4,8	3,1
Hungria	27,6	25,0	28,4	26,0	31,2	27,9	3,3	3,9
Estónia	25,1	23,0	26,9	24,6	31,0	26,1	11,4	8,0
Letónia	27,7	25,4	27,9	25,9	29,1	25,1	1,8	1,5
Lituânia	27,2	24,8	27,7	26,4	29,8	25,9	3,6	3,6
Eslovénia	30,8	28,0	31,2	28,4	33,2	28,9	1,6	1,5
Eslováquia	30,3	27,8	30,0	27,7	31,8	28,8	2,0	0,8
Polónia	29,1	26,3	28,5	25,7	30,8	27,2	2,5	3,3
EU-25	26,0	23,7	29,0	26,1	33,8	29,8	8,6	9,0

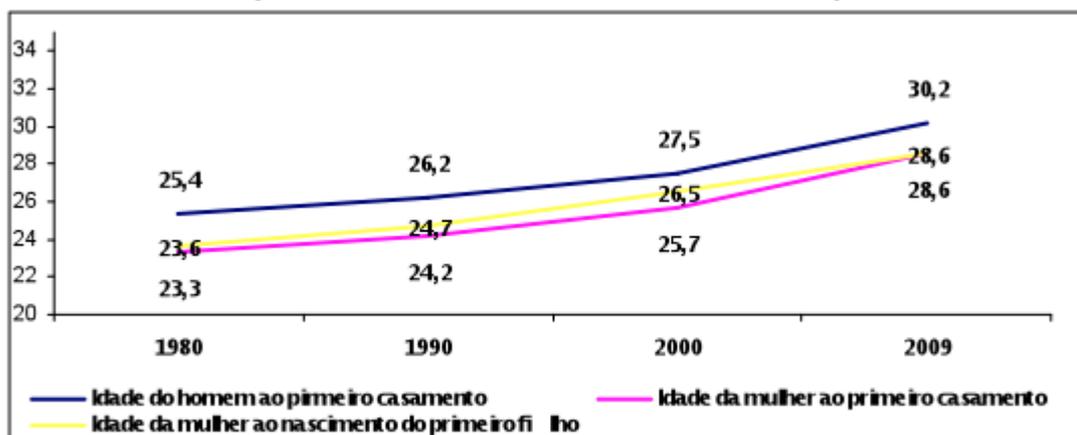
Fonte: Eurostat, Home and Living Conditions in Europe, 2010.

* os valores a negrito destacam os números mais elevados em cada coluna.

A formação do casal e da família: adiamento e informalização

A maior dependência residencial dos jovens portugueses, por comparação com o modelo fortemente individualista do norte da Europa, não anula, porém, que grandes mudanças se tenham operado nos tempos e nas formas de entrada na vida conjugal e parental. Em alinhamento com tendências comuns a grande parte dos países europeus, hoje casa-se mais tarde, vive-se junto em vez de casar e adia-se igualmente a chegada de um primeiro filho.

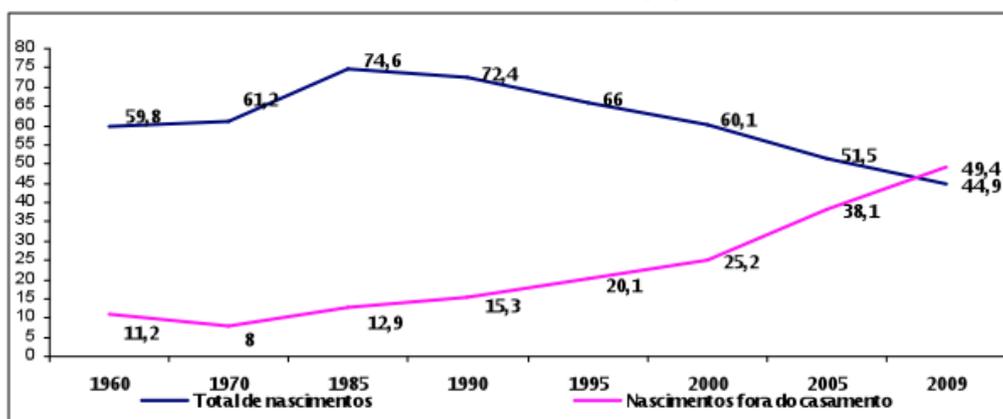
Idade média ao primeiro casamento e ao nascimento do primeiro filho



Fonte: Instituto Nacional de Estatística - Portugal, Estatísticas Demográficas (Base de dados OPJ- Números sobre Juventude)

É de notar, desde logo, que, ao longo do tempo e analisando em particular as últimas três décadas, a idade média ao primeiro casamento sofreu um aumento muitíssimo significativo, quer no caso dos homens, quer no das mulheres. Embora se verifiquem diferenças de género consistentes ao longo do tempo, o adiamento do casamento é inegável. Actualmente, os homens tendem a casar já depois dos 30 anos e as mulheres já perto dos 29 anos. A mesma tendência aplica-se à transição para a parentalidade: as mulheres têm, hoje, o primeiro filho perto dos 29 anos, em média cinco anos mais tarde do que em 1980.

Total de nascimentos e proporção de nascimentos fora do casamento entre as mulheres dos 15 aos 29 anos (%)



Fonte: Instituto Nacional de Estatística - Portugal, Anuários Estatísticos e Estatísticas Demográficas, nados-vivos. (Base de dados OPJ- Números sobre Juventude)

Como mostra o gráfico anterior, verifica-se, ao longo das últimas décadas, uma tendência para a diminuição do número bebês nascidos de mães entre os 15 e os 29 anos. Enquanto em 1985, cerca de 75% dos nascimentos ocorriam neste grupo etário, em 2009 menos de metade das mães (44,9%) têm entre 15 e 29 anos. No entanto, destas, cerca de metade (49,4%) teve um filho fora do casamento formal. Entre 2000 e 2009, a percentagem de mulheres jovens cujos filhos nascem fora do casamento – na sua maioria, numa situação de coabitação conjugal – duplicou, evolução que demonstra bem as transformações nas formas de constituir o casal e a família. O peso do casamento, outrora condição fundamental para a aceitação social da maternidade e da sexualidade, foi dando lugar a uma nova visão relacionalista e informal da conjugalidade.

É sem dúvida, entre as camadas mais jovens da população que estas mudanças, muito aceleradas nos últimos dez anos, possuem mais notoriedade, apontando para novas formas, mais tardias e desinstitucionalizadas, de iniciar e viver a vida familiar. Não obstante a predominância de um modelo de prolongamento da dependência residencial dos jovens, típico dos países do sul da Europa em contraste com a emancipação muito mais precoce e individualizada dos jovens do norte e centro europeus, as novas formas de entrar na conjugalidade – ainda uma condição de grande importância para a conquista da dita independência face à casa paterna – e na parentalidade revelam tendências claras e irrevogáveis de transformação nos modelos familiares.